

## PALAVRA DE APRESENTAÇÃO

Vê finalmente a luz da publicidade o primeiro número da Revista científica do *Instituto de Ciências Humanas e Teológicas* do Porto. Há muito esperada e veementemente desejada por vários, o aparecimento desta Revista representa um passo agigantado na vida institucional do ICHT e promete a melhor irradiação do serviço teológico-pastoral e humanístico, para bem das Igrejas particulares e Ordens religiosas que criaram o mesmo Instituto e outrossim de quantos se interessam pela cultura e crescimento espiritual do nosso Povo.

Revista dedicada, como o seu nome indica, à investigação científica e à comunicação escolar e extra-escolar da Teologia e da Humanística, a sua abertura ao real e o seu âmbito de interesses científicos estendem-se tanto quanto as dimensões do humano e do cristão. E nem mesmo entre estes dois níveis essenciais da verdade do Ser há separação estanque ou intransponível, porquanto, de harmonia com o sentido geral da encíclica *Redemptor Hominis*, depois da união hipostática do Verbo de Deus à Humanidade, passou a ser inteiramente verdade o pensamento do filósofo grego de que «o Homem é a medida de todas as coisas». É que, no pensamento essencial de João Paulo II, expresso nessa encíclica e já depois retomado noutras ocasiões, só aquele que se apropriar e assimilar toda a realidade da Encarnação e da Redenção é que se poderá «encontrar a si mesmo». E, segundo o pensamento do mesmo Pontífice, só esta apropria-

ção e assunção podem produzir «frutos não só de adoração de Deus, mas também de profunda maravilha perante si mesmo... aquela profunda estupefacção a respeito do valor e dignidade do homem que se chama Evangelho, isto é, Boa Nova».

Dentro de semelhante axiologia das realidades científicas, tornada metodologicamente epistemologia teórica e prática, o ICHT começa intencionalmente pelas Ciências Humanas. Mas Ciências estas ordenadas para a Filosofia e por ela superiormente regidas, como primeira e mais alta ciência humana que tem de ser, enquanto o homem for homem. Por isso não admira que pensadores actuais, sobretudo os que se chamam estruturalistas, ao fim dum secular processo de imanentismo, relativismo e destruturação de qualquer filosofia, acabem por dar «o homem» por agonizante ou já morto e a História por um «processo sem sujeito»...

Ciências Humanas que excluíssem *a priori* qualquer relação à Filosofia não seriam mais que um ramo da zoologia, ou da etologia que, como agora se professa, seria a pura interpretação do comportamento humano pelo comportamento de qualquer espécie zoológica. (Antes, e ainda hoje em certos freudismos, explica-se o adulto pelo infante, como se explicava a origem da vida na terra por uma hipotética vida em qualquer planeta: isto é, explicar o pouco conhecido *per incognitum*, ou *obscurum per obscurius*...).

Como no ICHT as Ciências Humanas, em forma institucional autónoma, são ainda apenas um sincero *desideratum*, o ensino das disciplinas filosóficas e o seu tratamento nesta Revista é muito de desejar que sejam tanto mais amplos e profundos, nas duas direcções que lhes competem. Por um lado desenvolver os conheci-

mentos psicológicos, sociológicos, económico-políticos e ético-políticos, com a objectividade e autonomia que lhes compete, mas sem fechar no mero positivismo a abertura que também lhes compete ao humano, moral e racional. Sobretudo cultivar aquele «esforço do conceito» de que já falava Hegel, mas que Karl Rahner considera indispensável para possibilitar qualquer Curso fundamental sobre a Fé e para uma séria Introdução às noções-base do Cristianismo. Nestes tempos em que desembocaram no mesmo caudal turvo e lodoso várias tendências seculares para fazerem da inteligência humana — se ainda se admite mais que a sensação e a mensuração empírica — uma simples mecânica matemática, *une quantité de pensée*, nestes tempos de nominalismo, imanentismo e materialismo histórico ou dialético, o «esforço do conceito» parece qualquer coisa de anti-natural, de heróico e até doloroso. E é esse o drama, e mesmo a tragédia, de certas «teologias» que sabem tudo, tudo sobre a história, exegese, psicologia religiosa, sociologia de massas, tudo enfim que seja «positivo», mas se poupam ao esforço de pensar, que está muito pouco na moda cultural do tempo. No entanto como é que, sem o «esforço do conceito», se há-de abordar a doutrina de Deus, que «é Espírito e em Espírito e Verdade quer ser adorado»?!

Por isso já começam a enfastiar as «teologias da morte de Deus», as «teologias» que se propõem ser meras «cristologias» (e dum Jesus, profeta escatológico, «que se enganou»), «teologias de libertação», «teologias» que são meras sociologias (e, ainda assim, oxalá que verdadeiras sociologias, e não meras politologias, de encomenda «evangélica»), «teologias» *ad usum Delphinis* (Delfim que hoje é o Povo... «de Deus»).

Falando de Teologia cristã, a sério, não podemos fazer melhor, com o pensamento nos professores e alunos do nosso ICHT, do que reproduzir as palavras que S. S. João Paulo II disse à Universidade Gregoriana, por ocasião da sua abertura solene, no passado dia 15 de Dezembro:

«Ao falar da abertura, que a Teologia deve cultivar quanto às outras disciplinas, ocorre-me espontaneamente recordar outra abertura, mais essencial ainda: a abertura para os problemas dos homens concretos, a abertura para o serviço da comunidade eclesial.

«A Teologia é ciência eclesial, pois cresce na Igreja e opera sobre a Igreja; por isso, não é uma actividade privada dum especialista, isolado numa espécie de torre de marfim. Está ao serviço da Igreja e deve portanto sentir-se dinamicamente inserida na missão da Igreja, de modo especial na sua missão profética.

«Não que a Teologia haja de substituir-se à pregação; todavia, aprofundando e alargando a inteligência da Revelação, presta auxílio importante à pregação eclesial e torna-se, em certo modo, basilar para a actividade litúrgica e pastoral.

«Esta perspectiva pastoral deve estar diante de vós, caríssimos, no vosso trabalho universitário, não para diminuir a seriedade dos estudos, mas ao contrário para estimular a generosidade do empenho, em vista da importância que tem a vossa fadiga para a aplicação do plano salvífico de Deus. Pensamento teológico e acção pastoral não se opõem entre si, promovem-se até reciprocamente; investigação científica e evangelização caminham a par; uma leva e sustenta a outra».

Que dizer mais senão formular votos de que HUMANÍSTICA E TEOLOGIA seja um instrumento válido de aplicação e difusão entre nós dos altos objectivos propostos à Teologia, bem como aliás às Ciências humanas e filosóficas, pelo Santo Padre? Votos estes que se concretizam e completam no desejo de que o ICHT, pela sua Revista e não só por ela, cultive e desenvolva as melhores relações que são da sua natureza e projecto — relações institucionais com a Universidade Católica Portuguesa, relações culturais com a Universidade Portuguesa, principalmente desta cidade do Porto, e com a nossa Cultura.

Em suma e por fim, aquele augúrio, tão académico e latino: — *Vivat, crescat, floreat!*

† António, Bispo do Porto